



XXIV Domingo do Tempo Comum (Ano C)

O texto – Lc 15,1-32

- ¹ Todos os *PUBLICANOS* e *PECADORES* aproximavam-se **DELE** para o ouvirem.
- ² Mas os *fariseus* e os *escribas* murmuravam entre si, *dizendo*:
«**ESTE acolhe** os *PECADORES* e come com eles».
- ³ Disse-*lhes*, então, esta parábola, *dizendo*:
- ⁴ «Qual é o *homem* dentre vós se tem cem ovelhas e perde uma delas, não deixa as noventa e nove no *DESERTO* e vai à atrás da perdida, **até a encontrar?**
- ⁵ Ao encontrá-la, põe-na alegremente aos ombros,
- ⁶ vai a casa, chama os amigos e vizinhos, *dizendo*:
‘Alegrai-vos comigo
porque **encontrei** a minha ovelha perdida’.
- ⁷ Assim vos digo:
Haverá mais alegria no Céu
por um só PECADOR que se converte,
do que por noventa e nove *justos* que não necessitam de conversão».
- ⁸ «Ou qual é a *mulher*, se tem dez dracmas e se perde uma dracma, não acende a candeia e varre a casa e procura cuidadosamente **até a encontrar?**
- ⁹ Encontrando-a,
chama as amigas e vizinhas *dizendo*:
‘Alegrai-vos comigo
porque **encontrei** a minha dracma perdida.’
- ¹⁰ Assim vos digo:
Haverá alegria diante dos anjos de Deus
por um só PECADOR que se converte».
- ¹¹ E disse: «Um homem tinha dois filhos.
- ¹² O mais novo disse ao **PAI**:
‘PAI, DÁ-ME a parte dos **bens** que me cabe.’
E o pai repartiu os **bens** entre os dois.
- ¹³ Poucos dias depois, juntando tudo,
o filho mais novo partiu para uma terra longínqua,
e lá dissipou os seus **bens**, numa vida desregrada.
- ¹⁴ Tendo gasto tudo, houve grande fome nesse país

- 15 e ele começou a passar privações.
Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra,
o qual o mandou para os seus campos guardar *porcos*.
- 16 Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os *porcos* comiam,
mas *NINGUÉM LHAS DAVA*.
- 17 E, caindo em si, disse:
‘Quantos *trabalhadores* de MEU PAI têm pão em abundância,
e eu aqui a morrer de fome!
- 18 Levantar-me-ei, irei ter com MEU PAI e vou dizer-lhe:
PAI, pequei contra o Céu e contra ti;
19 já não sou digno de ser chamado *teu filho*;
trata-me como um dos teus *trabalhadores*.’
- 20 E, levantando-se, foi ter com o PAI.

Quando ainda estava longe,
o PAI VIU-O E, ENCHENDO-SE DE COMPAIXÃO,
CORREU A LANÇAR-SE-LHE AO PESCOÇO E COBRIU-O DE BEIJOS.
- 21 O *filho* disse-lhe:
PAI, pequei contra o Céu e contra ti;
já não dou digno de ser chamado *teu filho*.’
- 22 Mas o PAI disse aos seus *servos*:
‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha;
DAI-LHE um anel para o dedo e sandálias para os pés.
23 Trazei o vitelo gordo e matai-o;
Comendo, FAÇAMOS FESTA,
24 porque este *meu filho* estava morto e reviveu,
estava perdido e foi encontrado».
E começaram a FAZER FESTA.
- 25 Ora, o *filho mais velho* estava no campo.
Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças.
26 Chamou um dos *servos* e perguntou-lhe o que era aquilo.
27 Disse-lhe ele:
«O *teu irmão* *voltou* e o TEU PAI matou o VITELLO GORDO,
porque chegou são e salvo».
- 28 Ficou encolerizado e não queria entrar;
mas o SEU PAI, saindo, suplicava-lhe que entrasse.
- 29 Respondendo ao PAI, disse-lhe:
«Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir um mandamento teu,
e nunca *ME DESTES* um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos;
30 e agora, ao *chegar* esse *teu filho*,
que *comeu* os teus bens com meretrizes,
mataste-lhe o VITELLO GORDO».
- 31 O PAI respondeu-lhe:
«*Filho, tu estás sempre comigo*, e tudo o que é meu é TEU.
32 Era preciso FAZER FESTA e ALEGRAR-NOS,
porque este *teu irmão* estava morto e reviveu;
estava perdido e foi encontrado».

O capítulo 15 do evangelho de Lucas apresenta-nos três parábolas: ovelha perdida, dracma perdida e a terceira, habitualmente conhecida como a *parábola do filho pródigo*, o que pode, à partida dar uma imagem redutora e centrar erradamente a nossa atenção, esquecendo o personagem principal.

O início do capítulo dá-nos a chave: «Aproximavam-se dele todos os publicanos e pecadores para o ouvirem. Mas os fariseus e os doutores da Lei murmuravam entre si, dizendo: «Este acolhe os pecadores e come com eles». O protagonista é Jesus, na sua atitude de acolhimento que é bem captada por publicanos e pecadores que, sem medo, se aproximam, atitude que não é percebida e é criticada pelos fariseus e doutores da lei.

É a ocasião oportuna para Jesus apresentar a face misericordiosa de Deus-Pai em relação aos pecadores.

Com a imagem do bom pastor, usada habitualmente no Antigo Testamento para exprimir a solicitude de Deus para com o seu povo, Jesus descreve a atitude de Deus que não desanima perante a atitude do pecador nem fica à espera mas vai à sua procura *até* o encontrar, alegrando-se com o regresso a casa e com a conversão do pecador, fruto da sua iniciativa. Esta solicitude de Deus e alegria do encontro é sublinhada pela parábola da dracma perdida.

Na sua atitude e no seu ensinamento, Jesus quer mostrar a atitude do Pai, o grande protagonista das parábolas: é o pastor que vai à procura *até* encontrar, é a mulher que varre a casa *até* encontrar, é o Pai cujo amor não desfalece, chega bem longe e fundo até ao filho, *até* ao seu regresso. É o exemplo vivo da «ovelha» que é encontrada pelo amor do pastor-Pai.

Esta parábola divide-se claramente em duas partes: o pai e o filho rebelde; o pai e o filho conformista.

O protagonista é seguramente o pai: a parábola menciona-o uma dúzia de vezes. A sua característica principal é a *comoção visceral*: o pai é mais *pródigo* no amor do que o filho em desperdiçar os bens. É ele quem dá a unidade a toda a narração. No coração da parábola está a sua paternidade extraordinária em relação aos dois filhos. É uma pessoa com aspectos tão originais que nos perguntamos que haverá semelhanças com os pais que conhecemos.

Ele *dá plena liberdade e confiança aos filhos*. Sem pedir explicações, põe nas mãos do filho a parte da herança que lhe cabe.

Ele *sofre em silêncio* a recusa da paternidade, quer na forma violenta do filho rebelde, quer na atitude hipócrita do mais filho «obediente». Não há palavras de lamentação, de reprovação. É paciente.

No momento em que o filho pródigo regressa, a parábola fotografa o pai com cinco verbos: Quando ainda estava longe, o pai *viu-o* e *comoveu-se* (à letra, sentiu mover as suas vísceras). *Correu* ao seu encontro e *abraçou-o*, e *beijou-o* (Lc 15,20). Estes verbos descrevem as atitudes do pai que se envolve num amor que é paterno, materno e amigo.

O filho começa o discurso que tinha preparado, mas o pai interrompe-o. Porém, não há lugar para recriminações. O pai está «louco» de amor e de alegria. Agora manifesta-se uma pressa que envolve todos: é urgente preparar imediatamente uma grande festa porque, diz ele, «o meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado» (15,24). A túnica mais bela, as sandálias e o anel são símbolos da dignidade filial tornada a dar pelo pai.

O filho mais velho, símbolo dos fariseus e doutores da lei, recusa-se a entender a atitude do pai. Uma vez mais entra em cena o pai: humilha-se, vai ao seu encontro, explica-lhe o sentido da festa, convidando-o a acolher a paternidade e a fraternidade. Esse *meu* filho é *teu* irmão!

É o Pai que, por meio de Jesus, nos torna a dar a dignidade de filho e de irmão. O Pai, com as suas vísceras de misericórdia, faz-nos descobrir as dimensões profundas do nosso ser, a origem e o fim do nosso viver, faz-nos reencontrar o caminho de casa.